

MALHAS QUE A MEMÓRIA TECE

CADERNOS DO COMBATE #1 TEXTOS PUBLICADOS ENTRE 1988 E 1998

FRANCISCO LOUÇÃ

JOÃO MARTINS PEREIRA

JOÃO CARLOS

INÊS FONSECA

LUÍS BRANCO

JOÃO PAULO COTRIM

MIGUEL PORTAS

CARLOS CARUJO

JORGE COSTA

PAULO PENA

JORGE SILVA MELO

J. FELICIDADE ALVES

CELSO CRUZEIRO

ANTÓNIO LOUÇÃ

EDUARDA DIONÍSIO



MALHAS QUE A MEMÓRIA TECE

MALHAS QUE A MEMÓRIA TECE

TEXTOS PUBLICADOS NA REVISTA COMBATE ENTRE 1988 E 1998

EDIÇÃO GRÁFICA: Luís Branco

Edições Combate

Rua da Palma, 268, 1100-394 Lisboa, Portugal.

www.combate.info

ISBN: 978-989-96052-1-3

Depósito Legal n.º 286473/08

Tiragem: 500 exemplares

Impresso em Novembro de 2008 por Rainho & Neves, Sta. Maria da Feira

MALHAS QUE A MEMÓRIA TECE

Textos de:

**Francisco Louçã
João Martins Pereira**

**João Carlos
Inês Fonseca**

Luís Branco

João Paulo Cotrim

Miguel Portas

Carlos Carujo

Jorge Costa

Paulo Pena

Jorge Silva Melo

J. Felicidade Alves

Celso Cruzeiro

António Louçã

Eduarda Dionísio

(publicados na revista Combate entre 1988 e 1998)

NOTA DOS EDITORES

P arar e olhar atrás para procurar no caminho percorrido sentidos para o que temos pela frente. Saber que o percurso foi tantas vezes melhor do que a meta e que isso já ninguém nos tira. Com visão crítica, pois claro. Com distanciamento e também com orgulho.

O «Combate», primeiro «Combate Operário» e antes ainda «Luta Proletária», foi a publicação ininterrupta de uma corrente da esquerda nascida em 1973. De órgão oficial a campo de ensaios para a convergência que experimentávamos nas suas páginas, a sua edição chegou a ser, nos difíceis anos 80, prova de vida de um pequeno grupo que resistia ao desencanto e à traição de Novembro.

E em 1987, na sequência das primeiras eleições europeias e da lista do PSR (ainda hoje a única que pôde ser apresentada por ordem alfabética), o «Combate» renovou-se num projecto para além do quadro partidário. Foram os anos em que a Eduarda Dionísio editava, dos dossiers temáticos com debates mensais, da participação alargada, subitamente, a tanta gente, do entusiasmo mensal pelas palavras que se escreviam e pelas ideias que se faziam circular assim, pelos grafismos sempre controversos.

E foram esses os anos em que o «Combate» começou a ser o pretexto para a militância, (ou para pensar a militância, que é o mesmo). Discutir e juntar pessoas, juntar pessoas para agir. Uma e outra vez. Cada edição, cada mês, cada tema.

Não havia ainda a internet e os computadores davam os primeiros passos nas nossas vidas. O papel e as canetas, marcadores e x-actos eram instrumentos essenciais para o que fazíamos. As reuniões tinham sempre muito papel em cima da mesa e nesses papéis havia notas à margem, ideias

fixadas para não esquecer, notas soltas que serviam cada momento, com cores para ajudar à classificação.

Sendo o terreno em que o PSR experimentava convergências políticas com pessoas fora do seu núcleo restrito, o «Combate» foi também palco para o cruzamento de gerações diferentes em busca do socialismo. Foi escola e pretexto para tantas aprendizagens. Jovens de 20 anos lado a lado, na ficha técnica, com pessoas de 60 e com uma vida cheia. Lado a lado, de facto, na redacção, quando esta reunia em casa do João Martins Pereira, invariavelmente com café servido num tabuleiro pequeno para tantas chávenas. Momentos em que o tempo passava demasiado depressa para tantas referências e conversas que ainda agora começavam a fazer sentido. Momentos de privilégio em que aprendemos que o tratamento por “tu” é o único que faz sentido na luta pelo socialismo.

Do trabalho dos editores à concretização gráfica do Jorge Silva, momento quase solene de finalização mensal do trabalho e sempre sujeito à negociação onde a imaginação entrava pela noite dentro, e onde os prazos ultrapassados e a adrenalina garantiam que o jornal que fazíamos era uma parte da vida que levávamos. Impresso, o trabalho militante de alcear as suas páginas e fazer a expedição para os assinantes era o dia de festa na Rua da Palma. Trabalho manual, repetitivo, muitas vezes o primeiro contacto de jovens militantes com o jornal.

O «Combate» nunca pagou a redactores, gráficos ou ilustradores. Pagávamos a gráfica a preços solidários e pagávamos aos CTT quando o porte pago acabou. O trabalho militante era por convicção e certeza do que o que estávamos a fazer era o melhor que sabíamos e podíamos para intervir no mundo que queríamos desesperadamente compreender e transformar. Sem certezas, mas com muita vontade.

Director por imposição legal, o Francisco foi sempre o verdadeiro relações públicas do «Combate» e principal responsável pelos momentos em que o «Combate» se reinventou e se tornou o primeiro instrumento de uma corrente política em busca dos caminhos para a reconstrução da esquerda e da resistência necessária. Fazer das fraquezas força, essa foi sempre a sua magia.

Os artigos, as crónicas, as notas breves, as ilustrações, a reflexão das suas páginas, são ainda o melhor reflexo desse percurso singular que nos marcou a vida e determinou grande parte do que somos, cada um e colectivamente. Nestas edições dos Cadernos do «Combate» encontram-se as palavras de alguns dos melhores jornalistas do país, dos melhores ficcionistas e ensaístas, de activistas de sempre por todas as causas fundamentais. Textos escritos com vontade, para um jornal de circulação demasiado restrita, que combateu a indiferença e o conformismo e teve tantas e tão saborosas vitórias.

Carlos Carujo, João Carlos e Luís Branco

Novembro 2008

Índice

NOTA DOS EDITORES	5
REPRESENTAÇÃO E POLÍTICA: O DIREITO NATURAL NA GÊNESE DAS UTOPIAS - FRANCISCO LOUÇÃ	11
SAINT-SIMON: A «INDÚSTRIA» ENQUANTO UTOPIA - JOÃO MARTINS PEREIRA	19
ENGELS: A CIÊNCIA DA UTOPIA REALIZÁVEL - JOÃO CARLOS	25
ROBERT OWEN: A REVOLUÇÃO PELA RAZÃO - INÊS FONSECA	29
AUGUSTE BLANQUI: O CONSPIRADOR DE PARIS - LUÍS BRANCO	33
MÜNZER E AS MURALHAS DE JERICÓ - FRANCISCO LOUÇÃ	37
FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO - JOÃO PAULO COTRIM	43
DA GARE DA FINLÂNDIA A SATYAGRAHA: O CÉU COMO LIMITE - FRANCISCO LOUÇÃ	51
TEU NOME, SOCIALISMO - MIGUEL PORTAS	59
GRAMSCI, O ACUSADO - CARLOS CARUJO	69
O RENASCIMENTO DA GUERRA FRIA, OU MATEM ESSES CÃES RAIVOSOS - FRANCISCO LOUÇÃ	73
HISTÓRIA DE TERRA E PODER - JORGE COSTA	83
REVOLUÇÃO EM TEMPO DE GUERRA - PAULO PENA	95
CHE, REVOLUÇÃO - JOÃO CARLOS	105
CHE NOSSO - INÊS FONSECA	111
1968: A PRAGA DA PRIMAVERA - JORGE COSTA	115
MAIO 68? JORGE SILVA MELO	123
FÉ E POLÍTICA MARCARAM ENCONTRO - JOSÉ DA FELICIDADE ALVES	129
ALGUNS DIAS QUE TAMBÉM MUDARAM O MUNDO - CELSO CRUZEIRO	135
UM QUARTO DE SÉCULO DUMA GREVE EXEMPLAR - ANTÓNIO LOUÇÃ	141
MALHAS QUE A MEMÓRIA TECE - EDUARDA DIONÍSIO	147